

Somos todos assassinos

"A pior doença do mundo não é a lepra ou a tuberculose, mas o sentimento de não ser querido, amado, e abandonado por todos."

"O pior pecado é a falta de amor e caridade, a terrível indiferença àqueles no limiar do sistema social, que estão expostos à exploração, à corrupção, à doença e à morte sem assistência."

Madre Thereza

RAUL MARINO JR.

Essas palavras de Madre Thereza de Calcutá nos obrigam a fazer uma pergunta embaraçosa aos nossos políticos, às nossas igrejas, aos senhores juristas da OAB e do Ministério Público e aos nossos homens de bom senso: os senhores têm idéia do que acontece nos nossos hospitais? Como são atendidos os doentes que ali se encontram? Ou por que pacientes menos favorecidos não têm direito a um leito que lhes permita apenas morrer com uma certa dignidade, acreditando que receberam cuidados médicos?

É limitado o número de vidas que um médico pode salvar, seja ele clínico ou cirurgião: algumas centenas, talvez... Um sanitarista, entretanto, num país como o Brasil, se bem amparado pela repartição do governo a que pertence, poderá salvar milhares. E os políticos? Bem, estes, se bem-intencionados, poderão salvá-las aos milhões, muito mais que uma multidão de médicos. Entretanto, poderão também deixar morrer esses milhões de pessoas como nós, não se importando com a saúde dos seus eleitores, como vem acontecendo.

Desde criança escutamos dos senhores políticos que "saúde não dá votos" (sic). Porém, do modo como as coisas vão neste país, em breve a saúde passará a tirar votos — todos os vossos votos, senhores políticos —, se nossos irmãos continuarem morrendo sem assistência, nas ruas, nas macas de hospitais sucatedos e sem recursos, desaparelhados, sem remédios, sem instrumentos cirúrgicos, sem plantonistas, sem enfermagem, abandonados como estão pelos poderes públicos, que vêm seguindo à risca o princípio malthusiano de que a morte continua sendo a única solução para o faminto e para o doente, que incomodam nossas instituições quase falidas.

Nossos hospitais — e sobretudo os serviços de emergência — estão se

tornando verdadeiros campos de concentração mortuários, quase comparáveis aos campos de extinção de Auschwitz ou Treblinka, onde o propósito da eliminação permanece velado. Ali estão sendo paulatinamente eliminados de nosso convívio os mais desprovidos de recursos, os que não têm posse para procurar um hospital particular, onde seriam atendidos com a dignidade que merecem. Apenas como exemplo, citaremos o caso dos doentes neurológicos, geralmente os mais graves, que superlotam nossos serviços de emergência; nosso Estado tem menos de 600 leitos dessa especialidade para os seus mais de 500 municípios. Isso atende a apenas 3% da demanda! Fica a critério da imaginação dos senhores o que deve estar acontecendo com os outros 97%! E isso num Estado "rico" como o nosso. Doentes graves esperam de um a três anos por uma intervenção cirúrgica, e quando são chamados para ser operados ela não se faz mais necessária: ou já morreram, ficaram cegos ou paralisados. E não é por falta de médicos, e sim de recursos.

Onde estão os juristas e as igrejas, que se preocupam em defender os ladrões e criminosos que nos assassinam nas ruas e em nossas casas? Onde estão os nossos representantes, Senhor, que não incomodam os que nós deixam morrer em massa, assassinados que somos pelos traumas de trânsito, por doenças curáveis, pela violência dos bandidos e pelas pequenas e grandes emergências? Se conseguirmos ser transportados, em tempo, das ruas para hospitais pou-

co aparelhados, ali iremos morrer de outras formas: por infecções, sufocados em nossas próprias secreções, abandonados no chão ou em velhas macas, vomitados, urinados, defecados, sujos e malcheirosos durante dias ou semanas, até que a morte resolva nos libertar deste vale de lágrimas. Dali iremos silenciosamente para baixo da própria terra deste país do futuro, encobrimdo, assim, sempre, a responsabilidade dos que se diziam nossos defensores à época das eleições e com os quais, envergonhados, nos vamos tornando cúmplices, impossibilitados de exercer a missão de médicos.

Sim, meus senhores, seremos todos "assassinos", de uma forma ou de outra, se continuarmos coniventes com este estado de coisas. Instrumentos emudecidos e arreativos deste processo de extinção desumana de nossos entes queridos, permitindo, abulicamente, que milhares de vidas sejam ceifadas diariamente e anualmente de nosso convívio. Pais e mães de família, crianças inocentes, morrem todos os dias por falta de recursos, frente a médicos perplexos, impotentes diante da sufocante demanda de casos gravíssimos que não podem operar, radiografar, anestesiá-los ou mesmo medicar com o antibiótico certo, pelo total desamparo e penúria em que vivem nossas instituições médicas no Brasil.

Quantas vezes chegamos a repreender o enfermeiro ou o atendente que faltou ao trabalho na UTI, o setor mais crítico do hospital, para ouvirmos: "Doutor, eu não pude vir, porque há três dias não

tinhamos o que comer em casa nem dinheiro para a condução..." Nosso coração se via obrigado a transformar uma repreensão em palavras de consolo. Sabíamos, então, que as coisas iriam ainda piorar muito, como estão piorando, não fora a dedicação desses humildes funcionários mal-pagos e de um punhado de médicos que procuram suprir as deficiências do sistema com excesso de trabalho, nas piores condições, utilizando muitas vezes seus próprios proventos para trazer ao hospital material inexistente.

A imprensa e toda a mídia gastam quilômetros de papel e horas de espaço para transmitir as imagens de criminosos que tombam sob as balas da polícia. Esquecem-se, entretanto, de que muitas centenas de pessoas inocentes morrem por dia, sem assistência, até por ferimentos leves, causados, não só pela violência do banditismo, mas pela violência do trânsito, tumores cerebrais, derrames, diabetes, problemas cardíacos, gástricos e pulmonares, todos eles recuperáveis se atendidos a tempo em boas condições hospitalares. São milhares de assassinatos sem bala, mas sem misericórdia, acontecendo nos hospitais de todo o Brasil.

Senhores membros das igrejas protestantes e das que não protestam, vossas ovelhas estão sendo sacrificadas pelo lobo da saúde, cabe a vós apascentá-las. Senhores fautores da Justiça — da que julga e da que se omite, senhores da mídia que denuncia e da que acoberta; senhores dos ministérios que condenam ou que absolvem; eis uma boa causa! Uma causa que atesta que a falta de coragem e a omissão são as únicas doenças incuráveis em nosso país. Uma causa que ameaça a frágil vida de todos nós, inclusive as vossas — pois qualquer um de nós pode tornar-se uma vítima do sistema, se colocado indefeso na maca de um corredor de hospital. É pouca ou nenhuma a diferença entre morrer nas ruas ou num hospital mal equipado. A única diferença é que, neste último, seu passamento será acobertado pela instituição, e todos pensarão que não houve responsáveis. Todos acreditarão que foi feito o melhor, e nossas famílias ficarão consoladas, imaginando que morremos com dignidade dentro da melhor caridade cristã, como prega Madre Thereza.



■ Raul Marino Jr., professor titular de Neurocirurgia da Faculdade de Medicina da USP, é presidente da Academia de Medicina de São Paulo